

VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER DE FICÇÃO

# O Senhor March

“Angustiante e tocante...  
este livro envolve o leitor  
por muito mais tempo que  
a própria leitura em si.”

– *The Washington Post*



GERALDINE BROOKS



Ediouro

GERALDINE BROOKS

*O Senhor  
March*

Tradução  
Marcos Malvezzi Leal



Ediouro

© 2005 by Geraldine Brooks  
Direitos de tradução cedidos à Ediouro Publicações Ltda., 2009

Esta edição foi publicada sob acordo com a Viking Penguin,  
um selo da Penguin Group (EUA) Inc.

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução  
no total ou em parte, sob qualquer forma.

*Assistente editorial:* Fernanda Cardoso  
*Coordenadora de produção:* Adriane Gozzo  
*Assistente de produção:* Juliana Campoi  
*Preparação de textos:* Alessandra Miranda de Sá  
*Revisão:* Flávia Schiavo e Regina Elisabete Barbosa  
*Editora de arte:* Ana Dobón  
*Projeto gráfico e diagramação:* Sopa de Letrinhas Design Editorial  
*Capa:* Ana Dobón  
*Imagem de capa:* GettyImages

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Brooks, Geraldine

O senhor March / Geraldine Brooks ; tradução Marcos Malvezzi Leal. – São Paulo : Ediouro, 2009.

ISBN 978-85-00-02417-7

1. Família March (personagens fictícios) 2. Ficção norte-americana  
3. Histórias de guerra - Ficção 4. Pais e filhas - Ficção 5. Soldados -  
Ficção I. Título.

08-11909

CDD-813

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Este livro, composto em Electra LT Std, foi impresso  
pela Edigraf sobre papel pólen soft 70 g em junho de 2009.

Todos os direitos reservados à Ediouro Publicações Ltda.  
R. Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21042-235  
Tel.: (21) 3882-8200 - Fax: (21) 3882-8212/8313  
www.ediouro.com.br

*Para Darleen e Cassie,  
De modo nenhum mulherzinhas.*



# Sumário



## PARTE I

CAPÍTULO 1.	Virgínia é terreno duro .....	11
CAPÍTULO 2.	Noz-moscada de madeira .....	20
CAPÍTULO 3.	Lágrimas .....	51
CAPÍTULO 4.	Um pequeno inferno .....	70
CAPÍTULO 5.	Um lápis melhor .....	88
CAPÍTULO 6.	Fermento ianque .....	103
CAPÍTULO 7.	Pão e abrigo .....	127
CAPÍTULO 8.	O altar do aprendizado .....	150
CAPÍTULO 9.	Primeiros frutos .....	164
CAPÍTULO 10.	Febre da dengue .....	174
CAPÍTULO 11.	Os sinos dobram .....	185
CAPÍTULO 12.	Lua vermelha .....	203
CAPÍTULO 13.	Um homem bom e gentil .....	212

## PARTE II

CAPÍTULO 14.	Hospital Blank .....	229
CAPÍTULO 15.	Reencontro .....	245
CAPÍTULO 16.	Rio de fogo .....	255
CAPÍTULO 17.	Reconstrução .....	268
CAPÍTULO 18.	Estado de Graça .....	284
CAPÍTULO 19.	Concord .....	294
Posfácio .....		299



# PARTE I



Entristecida, Jô disse:

– Não temos pai, e não o teremos por muito tempo. Ela não havia dito “talvez nunca o tenhamos”. Cada uma de nós assentiu, em silêncio, pensando em nosso pai, tão distante, onde a guerra estava acontecendo.

**Louisa May Alcott, *Mulherzinhas***

# Virgínia é terreno duro

21 DE OUTUBRO DE 1861

Escrevo a ela nestes termos: *Hoje à noite as nuvens realçavam o céu. O sol poente tingia de ouro e bronze todos os seus contornos, como se o firmamento fosse entremeado de preciosos filamentos. Faço uma pausa para esfregar os olhos doloridos, que não param de lacrimejar. A linha que tracei talvez esteja um pouco menos do que consideraria fina, mas não importa: ela é gentil em suas críticas. Minha mão levemente umedecida, onde percebo vestígios do líquido quase seco, treme de exaustão. Perdoe-me pela escrita sofrível. Com o exército em marcha, não encontramos espaço para reflexão ou tempo para correspondências. (Espero que minha querida jovem autora encontre tempo em meio às suas muitas boas obras para utilizar minha saleta, e que seus amigáveis ratos não se ressin-tam de uma curta ausência do costureiro ninho.) Entretanto, sentado aqui, sob o abrigo de uma árvore frondosa, enquanto homens acendem fogueiras para cozinhar e contam piadas, encontro alguma paz. Escrevo na mesa dobrável que você e as meninas tiveram o carinho de me dar, e, embora tenha derramado e perdido meu estoque de tinta, não se incomode em me enviar mais. Um dos homens me mostrou uma receita engenhosa para um bom substituto desse produto, feito das últimas amoras-pretas da temporada. Graças a ele, posso lhe enviar, neste momento, palavras “amorosas”!*

*Você se lembra daquelas contracapas coloridas nas obras de Spenser que eu lia para vocês nas aconchegantes noites de outono, como esta? Então, minha querida, você poderá ver o céu como o vi hoje à noite, pois as cores serpenteavam o firmamento com a mesma alegre profusão.*

E o sangue que se misturava à correnteza já carregada do rio, ondulado pelas botas, também formava um desenho parecido com o daquelas bonitas contracapas. Ou melhor, não é muito diferente da tinta carmim que a mão impaciente de nossa pequena artista derramou sobre o assoalho. Porém essas palavras, claro, não escrevo. Prometi a ela que escreveria algo todos os dias, mas cumpro tal obrigação quando minha mente não está conturbada. É como se ela estivesse aqui comigo por um momento; sua mão calma, delicadamente me tocando o ombro. Dou graças, contudo, por ela não estar aqui, vendo o que eu vejo, sabendo o que vim a saber. E, mediante tal pensamento, justifico minha censura: jamais prometi que escreveria a verdade.

Componho algumas palavras costumeiras de desejo conjugal, e prossigo com algumas confissões de ternura paterna: *Penso sempre em cada uma de vocês, na sala, no escritório, em meus aposentos, no gramado; com livro ou com pena, de mãos dadas com minha querida irmã ou conversando a respeito de nosso pai, em algum lugar distante, tentando imaginar como vocês estão. Saibam que não consigo realmente deixá-las, pois, embora meu corpo esteja longe, minha mente as acompanha de perto e meu maior conforto está na afeição de vocês...* Apelo, então, à premência de meus deveres, e termino com uma promessa de logo enviar mais notícias.

Meus deveres são, de fato, prementes. Por toda minha volta, os homens precisam de mim. Mas não fecho imediatamente a mesa dobrável. Deixo-a sobre os joelhos e continuo observando as nuvens, nodosas e enegrecidas agora, no céu quase sem luz. Não é de admirar que os homens simples imaginassem que seus deuses habitavam lugares altos – se os olhos de um homem baixam do céu para a linha do horizonte, correm o risco de avistar cenas desoladoras.

Rio abaixo, homens do grupo de sepultamento andam com água até a cintura para recolher os corpos presos em galhos caídos. Ao contrário do que escrevi, ninguém está contando piadas esta noite, e as fogueiras são poucas e mal abastecidas, e o ardor da fumaça me fere os olhos, que ainda estão lacrimejantes. Um urubu, pousado no galho de uma figueira, me olha fixamente. Acompanham-nos o dia inteiro, esses pássaros. Achei-os majestosos, hoje de manhã, sob a luz perolizada do começo da aurora, imóveis como gárgulas, com as asas abertas, esperando o sol nascer. Não se mexeram durante toda a nossa longa travessia do rio Potomac até a primeira revista nesta ilha, que ocupa o centro do rio como uma enorme barca, dividindo a água em estreitas correntezas. Completamente imóveis, os pássaros nos observavam enquanto caminhávamos até a margem distante e prosseguíamos em subida silenciosa pela escorregadia trilha de gado na face da encosta. Mais tarde, vi-os novamente. Estavam, enfim, voando, formando graciosos arcos acima do campo. Ao menos daquela altura nossa situação devia parecer óbvia: o inimigo no controle da colina à nossa frente alimentando uma fogueira que se apagava, enquanto na mata, à nossa esquerda, mais tropas se mobilizavam sorrateiramente para nos flanquear. Como capelão, eu não tinha ordens; por isso, posicionei-me onde acreditava ser de maior utilidade. Estava na retaguarda, rezando com os feridos, quando ouvimos o grito assustado: Deus do Céu, estão à nossa volta!

Chamei os carregadores para levar os homens feridos. Correndo, um recruta gritou, informando-me que qualquer um que tentasse fazer isso seria atingido por um número de balas maior do que pudesse contar com os dedos. Silas Stone, com ferimentos leves, cambaleava com o joelho torcido; estendi-lhe o braço e, juntos, entramos na mata, unindo-nos ao caos da investida. Tentávamos voltar ao ponto alto da trilha de gado – o único caminho que permitia uma descida direta ao rio – quando deparamos com outro urubu, tão perto que poderíamos tocá-lo. Estava pousado no peito de um homem caído, e virou a cabeça acentuadamente ante

nossa intrusão. Do bico caía um pedaço de algum órgão interno, lustroso e marrom. Stone ergueu o rifle, mas estava tão exausto que as mãos tremiam violentamente. Lembrei-lhe, então, de que, se não encontrássemos o rio e o atravessássemos, nós também viríamos comida de urubu.

Com dificuldade, saímos do mato denso e nos alojamos no alto de um promontório, a uma razoável distância da trilha. De lá podíamos ver um contingente de nossos homens, acuados pelo avanço do fogo inimigo, na beira da encosta. Hesitavam, mas, de repente, pareciam se mover todos ao mesmo tempo, como um estouro de animais selvagens. Havia homens rolando, saltando, cambaleando. O penhasco é íngreme: são 27 metros de escarpas espalhadas que se projetam para baixo, até o rio. Ouvíamos gritos, enquanto os homens, desprovidos da razão, saltavam por sobre as cabeças e as baionetas dos companheiros caídos. Vi a bota pesada de um soldado corpulento apertar com força descomunal a cabeça de um rapaz franzino, esmagando-lhe os ossos contra a rocha. Seria inútil agora tentarmos alcançar a trilha, pois quaisquer pontos seguros para nossos passos já estariam desgastados após a frenética descida dos homens. Rastejei até a beirada do promontório e me pendurei pelas mãos até me soltar e cair, com força, sobre uma elevação estreita, coberta de nozes. Deslizei sobre elas. Silas Stone saltou atrás de mim. Só quando chegamos à margem, com a água bem alta, ele me disse que não sabia nadar.

O inimigo atirava do alto do penhasco. Alguns de nossos homens começavam a amarrar trapos brancos a pedaços de pau, e subiam de volta, prontos para se render. A maioria pulava no rio; muitos, em estado de pânico, esqueciam-se de se soltar das caixas de munição e outros equipamentos, cujo peso rapidamente os levava para o fundo. O único meio de transporte eram as barcaças que nos tinham trazido, do outro lado. Os homens se aglomeravam sobre elas como um enxame de abelhas em volta da colmeia, e, quando escorregavam, eram quatro ou cinco juntos. Os que nelas permaneciam se tornavam alvo fácil, e não duravam muito tempo.



Tirei as botas e mandei Stone fazer a mesma coisa; disse-lhe que jogasse o mosquete no canal mais profundo, deixando-o, assim, longe do alcance de nossos inimigos. Em seguida, pulamos na água gelada e nos dirigimos para a ilha. Pensei que pudéssemos andar na maior parte do caminho, pois, durante a travessia de madrugada, as varas não pareciam afundar tanto. Não contava, porém, com a força da correnteza nem com o frio.

– Levarei você até o outro lado – havia prometido a Stone. E o teria feito, se uma bala não o tivesse encontrado; e se ele não tivesse se agitado tanto, ou se seu casaco, no ponto onde o agarrei, não tivesse uma costura tão fraca. Podia ouvir o tecido se descosturando progressivamente, apesar do ruído das águas e dos gritos. Sua mão direita me agarrava pela garganta – os dedos eram cheios de calos; de trabalhador manual – e esmagava os ossos frágeis, pequenos, da traqueia. Com a mão esquerda, ele me segurava pela cabeça. Abaixei-me, tentando, em vão, não deixar que se agarrasse a mim, sabendo que me puxaria para baixo também, em meio ao pânico. Ele conseguiu arrancar um tufo de meus cabelos, e enfiou o polegar em meu olho esquerdo. Afundei, e o peso de Stone me empurrava cada vez mais para baixo. Joguei a cabeça para trás e senti um ardor no couro cabeludo quando outro tufo de cabelos foi arrancado. Movi o joelho para cima, com força, batendo contra algo cuja consistência era gelatinosa. A mão de Stone se soltou de minha garganta, enquanto a unha partida de seu dedo do meio levava um pedaço de minha pele.

Irrompemos à superfície, cuspidos água marrom-avermelhada. Ainda segurava Stone pelo casaco descosturado, e, se ao menos naquele momento ele não se agitasse tanto, poderia ter me agarrado a uma porção maior de tecido. Mas a correnteza era muito forte ali, e levou os últimos fiapos de linha. Os olhos de Stone mudaram quando ele percebeu. O pânico pareceu se esvaír, e seu último olhar era vazio, desfocado, como o de um bebê recém-nascido. Ele parou de gritar. O derradeiro som seria um suspiro, se não tivesse saído mais parecido com uma espécie

de gargarejo. A garganta havia se enchido de água. A correnteza o levou para longe de mim, puxando-o pelos pés. Ele voltou à superfície por um instante, os braços estendidos para mim. Nadei com toda força que pude, mas, quando me aproximei, uma onda, que quebrava contra a rocha funda, apanhou-o pelas pernas e empurrou a parte inferior de seu corpo para baixo da água, de maneira que ele pareceu ficar em pé por um momento. A corrente o fez girar; e, dando uma volta completa, seus braços foram jogados para cima, como os de uma dançarina cigana. Os tiros, no alto da encosta, haviam provocado uma verdadeira chuva de folhagem; e agora Stone dançava na correnteza, em sincronia com as folhas banhadas de sol. Estava de frente para mim de novo quando a água o sugou. Um fio escarlate traçava sua partida, alargando-se como uma ferida aberta, enquanto a correnteza o levava para baixo e para longe. Ao me arrastar para a costa, ainda tinha um fragmento de tecido molhado no punho.

Estou com ele agora: um círculo áspero de tecido azul, com 15,5 centímetros. Talvez a soma total dos restos mortais de Silas Stone, torneiro e homem estudioso, 20 anos de idade. Cresceu às margens do rio Blackstone e, no entanto, nunca aprendeu a nadar. Decidi mandar o tecido à sua mãe. Era filho único.

Gostaria de saber onde ele jaz agora. Entalado debaixo de alguma rocha, com mil bocas pequenas sugando-lhe a carne esponjosa. Ou ainda boiando, subindo ou descendo com a correnteza, chegando a águas mais calmas, mais abertas do rio. Vejo-os se acumulando: os afogados, os baleados. Suas mãos flutuando na superfície, tocando umas às outras pelas pontas dos dedos. Daqui a um ou dois dias ainda estarão à deriva, como uma flotilha funerária, passando pela cúpula branca inacabada que se ergue sobre os andaimes, numa colina lamacenta em Washington. Será que os cidadãos os reconhecerão, os bravos que tombaram em batalha, e tirarão o chapéu num gesto de respeito? Ou se afastarão, enojados ante a massa farta de podridão humana?

Devo seguir agora e descobrir onde, nesta ilha, são tratados os feridos. Evidentemente, o cirurgião não julgou apropriado me informar. O cirurgião é um calvinista, um homem soturno, impaciente com a fé – para ele, indefinida – dos outros. Ele considera que um homem deve ser mestre em seu ofício; um ferreiro, por exemplo, deve conhecer sua forja; o fazendeiro, seu arado; e o capelão, seu credo. Deixou claro o desprezo por mim e meu ministério. Após a primeira vez que preguei à companhia, observou que, a seu ver, um sermão que não abordasse a condenação era de pouca valia para homens que enfrentam a morte todos os dias, e que, se ele quisesse ouvir um poema de amor, recorreria à esposa.

Passei a mão pelos cabelos, que secaram em tufos embaraçados, como espigas de milho na hora de descascar. O mero gesto de levantar o braço para esse mínimo esforço era uma agonia. Todos os músculos doíam. Minha tia estava certa, talvez, em seu amargo protesto contra minha vinda para cá: um homem de 40 anos não pode mais se dedicar a tal empreitada. Que tipo de homem seria eu, que tão bem sabe manipular as palavras, se evitasse a manipulação do sangue? Por isso, ficarei aqui, na companhia desses homens em luta, enquanto minhas pernas aguentarem. Mas, como observou um recruta de Millbury hoje: “Virgínia é terreno duro, creio”.

Guardei minha mesa dobrável na mochila. Havíamos saído com os itens principais de nossos equipamentos para a ilha. Meu cobertor estava imundo de tanto ser usado para me enxugar e absorver a umidade de minhas roupas ensopadas. A lã, entretanto, sempre retém um pouco de calor, ainda que úmida. Levei o cobertor para um jovem que estava deitado na margem do rio, encolhido e trêmulo. Achei que estaria ardendo em febre pela manhã.

– Não quer vir comigo um pouco mais para cima, em um lugar mais seco? – perguntei.

Ele não respondeu; então, enrolei-o no cobertor, ali mesmo. Nós dois dormiremos com frio esta noite. Não tanto, porém – penso –, quanto Silas Stone.

Caminhei alguns passos pela lama, e, em um ponto onde a margem afundava um pouco, prossegui, com certa dificuldade, até um campo arado. Graças à luz bruxuleante de uma fogueira, avistei um pequeno grupo de homens feridos, sentados e apoiados em uma pilha de feno, inertes, prontos para passar uma noite de frio. Perguntei-lhes onde ficavam as barracas de hospital.

– Não há nenhuma. Estão usando uma velha casa dos secessionistas – respondeu um recruta que tocava o próprio braço enfaixado. – Lugar estranho, com estátuas brancas grandes, todas nuas, e salas cheias de livros. Mora lá um velho secessionista, tão enrugado que parece um vaso cheio de trincados. Há apenas uma escrava cuidando dele. Ela está ajudando nosso cirurgião, se é que você pode acreditar nisso. Cuidou de meu ferimento e o fechou, como pode ver – disse, erguendo, com orgulho, a tipoia, e se contorcendo de dor ao fazê-lo. – Falou-me que havia mais de uma dúzia de escravos na casa antes, e que foi a única que não fugiu.

Penso que aquele recruta não deve saber a diferença entre esquerda e direita, pois suas direções não tinham coerência, e seu amigo, cujo pescoço estava enfaixado e não podia falar, ficava agitando as mãos, em objeção a cada volta que o outro descrevia. Cambaleei, errante, no escuro, voltando sem querer à margem do rio, sem saber ao certo se o lado oposto era Maryland ou Virgínia. Dei meia-volta e encontrei uma cerca de arame que passava pelas ruínas do que devia ter sido um moinho. Segui a cerca até ela terminar num portão. Para além dele, estendia-se um caminho ladeado por cornáceas, coberto de cascalho de rio, que dificultava minha caminhada. Eu estava descalço.

Percebi, enfim, pelo odor, que estava no caminho certo. Se ao menos os hospitais de campanha não tivessem todos o mesmo fedor das latrinas de trincheiras! Mas esse é o cheiro quando o

metal abre as entranhas de seres vivos, e os detritos de sua digestão escorrem para fora. A esse se junta o odor menos forte de carne recém-cortada, que para mim é igualmente desagradável. Detive-me e me refugiei entre os arbustos para expurgar fluidos amargos. Algo em meu estado, naquele instante, dolorido e fraco, me fez lembrar de meu pai, repreendendo-me por recusar minha parte da carne de porco salgada. Ele acreditava que uma dieta sem carne, como a minha, me deixava apático ante minhas tarefas. No entanto o que eu abominava eram, justamente, as tarefas, hediondas e cruéis. Nenhuma alma deveria ser obrigada a labutar o dia todo com uma parrelha de bois forçados ao trabalho, com a pele dilacerada pelos arreios, e aqueles olhos grandes, frios, vazios de esperança. Puxar aqueles animais do começo ao fim do dia, sentado praticamente no traseiro deles, e forçando-os a se aprofundarem no monte do próprio esterco é algo que corrói o espírito. E os porcos! Como alguém pode comer carne de porco após ter ouvido os gritos do animal sendo sacrificado, enquanto o sangue escuro jorra?

Talvez fosse a escuridão, ou a época peculiar do ano. Talvez fossem minha amargura, minha dor e exaustão. Talvez vinte anos seja um período longo demais para uma mente ativa guardar qualquer lembrança, quanto mais se envolver em detalhes perturbadores e sombrios, implorando para ser esquecida. Qualquer que fosse a razão, enfim, antes de percorrer metade do caminho de cascalho, eu reconheci a casa. Já tinha estado ali antes.

**R**esgatando um dos personagens do clássico *Mulherzinhas*, de Louisa May Alcott, Geraldine Brooks conta neste livro a história do senhor March, marido e pai ausente que vê seus ideais se perderem após vivenciar as sanguinolentas batalhas da Guerra Civil americana. À medida que o Norte sofre uma série de derrotas inesperadas durante o primeiro ano da guerra, o senhor March se vê obrigado a abandonar a família para defender a causa da União. Essa experiência acaba ocasionando uma mudança brusca em seu casamento e em sua vida, e desafia suas mais profundas crenças. Comovente e elegante, este romance, muito bem entrelaçado, adiciona uma reflexão adulta para o romance otimista de Alcott.

“Fabuloso... admirável... muito bem interpretado... o retrato de Brooks é tão fiel quanto podemos esperar de pessoas como nós.”

– *Los Angeles Times*

“Louisa May Alcott ficaria encantada.”

– *The Economist*

ISBN 978-85-0002-417-7



9 788500 024177



Ediouro